



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - ICH
LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

ALICE VIEIRA DA SILVA

**O AMOR COMO VERBO: A PRÁTICA AMOROSA COMO
FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO A PARTIR DE BELL
HOOKS**

BRASÍLIA - 2023

ALICE VIEIRA DA SILVA

**O AMOR COMO VERBO: A PRÁTICA AMOROSA COMO
FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO A PARTIR DE BELL
HOOKS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência para a obtenção do grau de licenciatura em filosofia, na Universidade de Brasília, sob orientação do Prof. Dr. Wanderson Flor do Nascimento.

BRASÍLIA - 2023

O AMOR COMO VERBO: A PRÁTICA AMOROSA COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO A PARTIR DE BELL HOOKS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Filosofia na Universidade de Brasília.

Aprovado em: ____/____/____.

Wanderson Flor do Nascimento
Universidade de Brasília
Orientador

Pedro Ergnaldo Gontijo
Universidade de Brasília
Examinador

Renata Melo Barbosa do Nascimento
Universidade de Brasília
Examinadora

Dedico este trabalho à garota que passou na faculdade com apenas 17 anos e que escolheu a graduação em filosofia porque, assim como bell hooks, queria transformar o conforto que encontrava na teoria em prática. Alice, ainda que, como um ser humano, estejamos sempre nos tornando novas versões de nós mesmas, eu e você somos uma só. Cheguei até aqui porque foi sua vitalidade e força de vontade que me impulsionaram adiante. Hoje, porque sou uma versão de mim mesma que encontrou amor e força, te garanto uma coisa: você não é tão grande quanto você pensa que é. Você é maior ainda.

Agradecimentos

Encerrando minha jornada na graduação com um trabalho que trata das dimensões do amor em nossas vidas, eu não poderia deixar de agradecer a tantas pessoas que diariamente me mostram o quão amplo o amor pode ser.

Primeiro, ao meu namorado, Pedro Benassi, cujo brilho ilumina meus dias e cujos braços me acolheram sem cessar durante toda a jornada da minha graduação. Meu bem, nunca vou me esquecer da música que tocou naquele sarau, e nunca vou me esquecer de como ainda ouvimos aquela música juntos. Obrigada por acolher minha integridade e comemorar comigo minhas vitórias; por secar minhas lágrimas e celebrá-las quando preciso e por sempre ter acreditado que eu conseguiria terminar este trabalho. Você é meu parceiro intelectual, e nossa lição mútua sobre companheirismo é minha maior aventura.

À minha *queerplatoníc* partner, Ana Giulia, que abriu as portas de sua casa para mim por cinco dias a fio enquanto eu trazia ao mundo os percursos mais difíceis deste trabalho. A sua gentileza nesse período tão delicado vai viver dentro de mim para sempre. Vou te agradecer por ter cuidado de mim nessa maratona de TCC pelo resto da minha vida. Seu coração é de um carinho imenso. Obrigada por me mostrar o significado de “amizade romântica”.

Ao meu orientador, Wanderson Flor do Nascimento. Mesmo quando eu estava muito desacreditada, meu orientador foi capaz de me guiar à conclusão. Obrigada por ter me acompanhado nessa jornada com tanta sabedoria e respeito, e feito tanto para me ajudar a encontrar meu próprio caminho. Essa não foi nossa primeira experiência de orientador-orientanda e eu espero que não seja a última.

Aos meus amigos do fundamental/ensino médio Thiago, Thalita, Victor e Gabriel, que me ensinaram minhas primeiras lições sobre a felicidade plena do amor da amizade; à minha amiga virtual Isabel que me ensinou sobre amor que vence distâncias; aos meus amigos do teatro Lennon, Wallerson, Welli, Malú e Geovanna que me ensinaram sobre amor em comunidade; à Rafaela, pelo acolhimento numa fase tão difícil; e às minhas amigas do último ano Pedro Altino, Luis, Marina, Gustavo e Babi, que me têm me ensinado sobre o amor da amizade na vida adulta. Ainda que nem todos tenham sido citados, ou que todos façam parte da minha vida hoje, todos certamente sempre farão parte de

mim. Amo muito que vocês sejam tantos a ponto de eu não ter condição de citar todos por nome. Obrigada por tantas formas de afeto, carinho e cuidado.

Aos meus pais, por todo o esforço para atender às minhas necessidades materiais, fisiológicas e educacionais. Sou a primeira pessoa da nossa família a se formar numa universidade federal porque a luta de vocês pela educação da criança que eu fui fez com que fosse possível que eu chegasse até aqui.

Ao professor Pedro Gontijo pelos encontros inspiradores e à professora Renata Melo pelo último semestre maravilhoso.

Ao Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia, pois se não fossem pelos seis felicíssimos anos de curso gratuito de inglês, eu não teria tido condições de ler metade da bibliografia deste trabalho.

À obra de Lemony Snicket, “Desventuras em Série”, por plantar em meu coração as primeiras sementes de amor à sabedoria que desabrocharam e me trouxeram até este momento.

À minha irmã, pela parceria e pelos confetes.

Resumo

Este trabalho pretende analisar parte da obra de bell hooks acerca do amor, de modo que seja possível atingir a compreensão do tema do amor no trabalho da autora. Com o objetivo de entender o que bell hooks propõe como “prática amorosa” e de que maneira a prática amorosa pode contribuir para a construção de mudanças radicais, sendo uma poderosa ferramenta de resistência e transgressão para combater sistemas de dominação, discutiremos, primeiramente, o que bell hooks define como amor e, a partir dessa definição, qual o significado de “prática amorosa”. Em seguida, vamos refletir sobre a questão do amor na vida de pessoas negras, de modo a compreender o que bell hooks chama de “crise do amor” na vida negra privada e comunitária. Entenderemos como se dá a participação do amor na vida negra, de que maneira o contexto racista, colonialista e patriarcal interfere na forma que pessoas negras encontram para amar e como esses contextos ferem a autoestima negra. Por fim, de modo a encontrar uma proposta de intervenção para esta “crise do amor”, pensaremos em como a prática amorosa pode elevar individual e coletivamente a vida de pessoas negras e estreitar laços de comunidade.

Palavras-chave: Ética do amor; Prática amorosa; Sistemas de dominação; Comunidade; Libertação.

Abstract

This work aims to analyze part of bell hooks' work about love in order to comprehend the theme of love in the author's writings. By seeking to understand what bell hooks proposes as “practice of love” and how this loving practice can contribute to the construction of radical changes, serving as a powerful tool of resistance and transgression against systems of domination, we will first discuss bell hooks' definition of love and, based on that definition, the meaning of “practice of love.” Next, we will think on the issue of love in the lives of black people, aiming to understand what bell hooks refers to as the “crisis of love” in private and communal black life. We will explore how love is present in the lives of black individuals; how the racist, colonialist, and patriarchal context interferes with the ways in which black people find love, and how these contexts damage black self-esteem. Finally, in order to propose an intervention for this “crisis of love,” we will think about how the practice of love can elevate the lives of black people both individually and collectively, and strengthen community bonds.

Keywords: Ethics of love; Practice of love; Systems of domination; Community; Liberation.

When black children tell me, "There is no love," I tell them love is always there - that nothing can keep us from love if we dare to seek it and to treasure what we find. Even when we cannot change ongoing exploitation and domination, love gives life meaning, purpose, and direction [...] Love is our hope and our salvation.

bell hooks, *Salvation*, 2001.¹

We ourselves have to lift the level of our community, take the standards of our community to a higher level, make our own society beautiful so that we will be satisfied... we've got to change our own minds about each other. We have to see each other with new eyes... we have to come together with warmth...

MALCOLM X, *The Ballot or the Bullet*, 1964.²

¹ "Quando crianças negras me dizem, "Não existe amor", eu as digo que o amor está sempre presente - que nada pode nos manter longe do amor se nós ousarmos procurá-lo e valorizar o que encontramos. Mesmo quando nós não podemos mudar a exploração e a dominação contínuas, o amor dá significado, propósito e direção para a vida [...] O amor é nossa esperança e nossa salvação" (hooks, 2001, tradução livre).

² "Nós mesmos temos que elevar o nível de nossa comunidade, levar os padrões de nossa comunidade a um nível mais alto, tornar nossa própria sociedade bonita para que fiquemos satisfeitos... temos que mudar nossas próprias opiniões uns sobre os outros. Temos que nos ver com outros olhos... temos que nos unir com carinho..." (Malcolm X, 1964, tradução livre).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: ENCONTRANDO BELL HOOKS.....	12
CAPÍTULO 2: O AMOR EM EVIDÊNCIA.....	18
CAPÍTULO 3: UMA ÉTICA AMOROSA.....	27
CAPÍTULO 4: AMANDO A NEGRITUDE.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

Introdução

O tema central deste trabalho será buscar a compreensão daquilo que bell hooks chama de “prática amorosa”, de modo a entender como é possível aplicar a noção de amor não mais como substantivo, mas como verbo, nas nossas vidas. Para que seja possível cumprir com esse objetivo, procuraremos, junto a obra de bell hooks, uma definição para o que chamamos de “amor”. Em seguida, vamos refletir de que maneira o amor implica em prática amorosa e como essa prática amorosa pode ser fundamental para construirmos uma nova forma de nos relacionar com o mundo: uma ética amorosa. Por fim, vamos analisar a presença do amor na vida de pessoas negras para responder como a prática amorosa pode solucionar o que bell hooks chama de “crise do amor”.

A relevância desse trabalho para o cenário da filosofia se mostra na medida que há determinada carência de filosofias que tratem do amor no currículo obrigatório de graduações em filosofia em geral. Há pouco estímulo para o desenvolvimento que pensem o tema com um viés ético e como uma potente ferramenta de mudança social, de modo que mesmo na filosofia o tema do amor é frequentemente tratado como pouco importante ou como mero sentimentalismo. Este é um trabalho que busca expandir a definição “comum” de amor como romance sentimental ao propor que o amor tenha uma definição partilhada e que faça parte da vida de todos os âmbitos das pessoas, de maneira que o tema do amor possa estar mais presente nas discussões de ética e política. A partir dessa definição partilhada de amor, este trabalho também se mostra relevante ao pensar como pessoas negras se relacionam com o tema, individualmente e em comunidade, apontando problemas causados pelas feridas abertas do colonialismo e propondo intervenções para o fortalecimento da autoestima negra e de comunidades negras.

Para tal, foi escolhida uma metodologia de revisão bibliográfica da obra de bell hooks acerca do amor, especialmente dos livros que fazem parte da “Trilogia do Amor”, mas não se reduzindo a eles. Não se procura esgotar o tema ou chegar a uma “palavra final” sobre as discussões, mas justamente o oposto: este trabalho pretende aumentar os horizontes da conversa sem matar a possibilidade de o assunto ser ampliado no futuro, além de conter em si uma esperança de que, gradualmente, o tema do amor se torne mais relevante na filosofia no Brasil.

Assim sendo, este trabalho foi dividido em quatro capítulos. O primeiro, intitulado “Encontrando bell hooks”, faz uma breve apresentação da autora, cobrindo pontos relevantes de sua vida e obra. Compreendendo a visão da autora sobre teoria e prática, fez-se fundamental que este trabalho abrisse com uma apresentação de quem ela foi, que contextos viveu e por que adotou seu tão icônico e reconhecível estilo acessível e autobiográfico de escrita.

O capítulo 2, “O amor em evidência: à procura de uma definição”, procurou uma definição para a palavra “amor” a partir do que seriam elementos necessários para que o amor fosse possível. Neste capítulo, são apresentadas problemáticas acerca da compreensão do amor apenas como um sentimento romântico, da falta de discussões amplas sobre o amor e de que modo é crucial que o amor conte com honestidade e justiça, principalmente para a vida de pessoas que vivem em sistemas de dominação como o capitalismo, o racismo e o patriarcado.

Já o capítulo 3, “Uma ética amorosa: praticando o amor”, mergulha na definição de bell hooks de “prática amorosa”, explicitando de que forma o amor só pode existir na medida em que ele é praticado. Apresenta-se o amor como um conceito que é, essencialmente, uma ação, a partir do convite para pensar o amor como um verbo. O “amor como verbo” possibilita o surgimento de uma ética amorosa que deve guiar as ações de todos e que é o fundamento para que possamos desenvolver estratégias que possibilitem e mobilizem mudanças radicais dentro dos contextos de dominação em que nós vivemos.

Por fim, o capítulo 4, “Amando a negritude: amor e comunidade na vida de pessoas negras”, pensa a partir de tudo o que foi discutido nos capítulos anteriores para discutir de que maneira o amor se faz presente na vida do povo negro. Procurando entender o que bell hooks chama de “crise do amor”, o objetivo desse capítulo é examinar de que modo os traumas da escravidão afetou as experiências de amor na vida de pessoas negras na diáspora e refletir como a prática amorosa e a ética do amor podem ser a solução para essa crise.

Esse percurso busca ser suficiente para iniciar uma discussão em torno do amor desde sobre um viés filosófico, prático e político e pedir pela incorporação da ideia de amor como verbo na vida pessoal e comunitária de

pessoas negras, de maneira que seja possível cumprir com os objetivos de forma satisfatória.

Capítulo 1: Encontrando bell hooks

Para entendermos a obra de bell hooks, precisamos pensar sobre quem a autora foi. Naturalmente, é impossível conseguir construir um compêndio de tudo o que qualquer pessoa foi. Mas discutir algumas das experiências de vida de bell hooks não apenas é importante para que saibamos de onde ela parte ao escrever, como autora e como sujeito, mas também é primordial para que sejamos capazes de identificar o ato político presente em todo o seu estilo de escrita.

Em 1952, bell hooks nasceu no sul dos Estados Unidos, em uma cidade pequena, majoritariamente branca e segregada chamada Hopkinsville, o centro administrativo de Christian County, no Kentucky. De nome de batismo Gloria Jean Watkins, era de uma família negra de classe trabalhadora formada por seus pais, cinco irmãs, um irmão e a própria hooks. Sua mãe era dona de casa, enquanto seu pai era zelador e trabalhava duro para atender às necessidades materiais de seu lar (hooks, 2001, p. 27). Frequentemente, hooks relata não se sentir amada na infância por seus pais. Essa experiência e várias outras a aproximaram da psicanálise.

Seu pseudônimo, escrito inteiro em letras minúsculas, é uma homenagem à sua bisavó, Bell Blair Hooks, que era conhecida em sua família pela coragem de dizer a verdade. Esse legado que hooks reivindica é o fio condutor de toda a sua carreira crítica e filosófica.

A escolha de adotar o nome da bisavó como pseudônimo vem, também, de um lugar de autoidentificação. hooks foi uma criança questionadora, mesmo que regularmente fosse punida por conta dessa característica. Muitas vezes, questionamento e punição andavam de mãos dadas em sua própria casa:

Imagine, por favor, esse jovem casal negro que batalhava antes de tudo para realizar a norma patriarcal (de a mulher ficar em casa tomando conta do lar e dos filhos enquanto o homem trabalhava fora), embora esse arranjo significasse que, economicamente, eles sempre viveriam com menos. Tente imaginar como era a vida para eles, cada qual trabalhando duro o dia inteiro, lutando para sustentar os sete filhos e tendo de lidar com essa criança incansável que, com um brilho no olhar, questionava, ousava desafiar a autoridade masculina, se rebelava contra a própria norma patriarcal que eles tanto tentavam institucionalizar. (hooks, 2013, p. 84).

O contexto no qual hooks nasceu e cresceu a atravessaria por toda a sua vida. Vinda de uma família de norma patriarcal e sendo uma mulher negra num país ainda racialmente segregado, as possibilidades de futuro que a vida costumava reservar para mulheres como ela eram poucas. “As oportunidades de existência para mulheres negras estavam limitadas ao trabalho doméstico (seja dentro ou fora de casa), casamento e filhos (Almeida, 2021, p. 13).

No caso de hooks, que era considerada uma criança inteligente na escola e foi uma garota que sempre buscou expressar suas ideias, coube o rótulo da “criança negra inteligente”, para a qual havia uma possibilidade alternativa: o magistério, na época uma profissão vista pelo viés de um respeito quase sacerdotal, já que não era considerada atraente aos olhos dos homens uma mulher que alimentasse seu intelecto. hooks conta mais sobre essa experiência, no tipo de relato em primeira pessoa extremamente característico de sua escrita, na introdução de *Ensinando a transgredir*:

No Sul, na época do *apartheid*, as meninas negras de classe trabalhadora tinham três opções de carreira. Podíamos casar, podíamos trabalhar como empregadas e podíamos nos tornar professoras de escola. E visto que, de acordo com o pensamento sexista da época, os homens na verdade não gostavam de mulheres “inteligentes”, partia-se do pressuposto de que quaisquer sinais de inteligência selavam o destino da pessoa. Desde o ensino fundamental, eu estava destinada a me tornar professora (hooks, 2013, p. 9-10).

Outra experiência muito marcante na vida de hooks foi a transição da escola racialmente segregada para uma escola dessegregada. Na escola segregada, hooks estava rodeada de professoras negras que valorizavam seu intelecto e estimulavam sua autoestima. O lecionar, para as professoras que trabalhavam em escolas segregadas, mais do que uma profissão, buscava contribuir com a justiça social, era um contínuo ato político que estimulava nos mais jovens a consciência racial e o pensamento crítico (hooks, 2013, p. 11). Em contrapartida, nas escolas dessegregadas, o tratamento que ela recebeu foi muito diferente. Crianças negras eram desrespeitadas, maltratadas, desencorajadas e precisaram aprender a aguentar o sofrimento psíquico de ter suas autoestimas destruídas no espaço da escola, anteriormente seguro e amado.

Acerca dessa experiência, citarei um dos vários assertivos, intensos e dolorosos relatos de hooks sobre a experiência de ter que se adaptar a esta mudança:

Quando nossas escolas negras foram fechadas e nós fomos forçados a integrar escolas predominantemente brancas situadas muito longe de nossas vizinhanças, isso causou uma tremenda depressão psicológica. Tidos como cidadãos de primeira classe em nossas amadas escolas, agora nós íamos de ônibus até escolas onde éramos tratados como cidadãos de segunda classe, onde professores brancos nos viam como inferiores, como selvagens, incapazes de serem seus iguais. Quando um estudante negro se destacava academicamente, ele/ela era tido como a grande exceção a regra e tratado pelos brancos como um pet negro. Nenhum psicólogo ou conselheiro escolar estava lá (e sequer estão hoje) para ajudar crianças negras a lidarem com a realidade de saírem de escolas segregadas onde éramos validadas para escolas brancas onde nossos professores nos viam apenas como um problema, onde uma grande maioria deles na verdade nos odiava (hooks, 2003, p. 78. Tradução livre).

O racismo, a partir de então, estaria presente para sempre em sua vida educacional.

Ela estudou Língua Inglesa na Universidade de Stanford, fez mestrado na mesma área na Universidade de Wisconsin e doutorado em literatura na Universidade da Califórnia. Mais tarde, tornou-se crítica de arte, debruçando-se especialmente (mas não somente) no audiovisual. Lecionou como professora universitária em instituições como a própria Universidade da Califórnia onde concluiu seu mestrado, no New York City College, na Universidade do Sul da Califórnia, em Yale, dentre outras.

Além de crítica de arte, hooks também era educadora e escritora, pois ainda que o desejo de lecionar tenha sido socialmente incutido nela a partir da ideia de que o futuro de crianças negras inteligentes e questionadoras era a sala de aula, seu grande sonho sempre foi escrever (hooks, 2013, p. 10). Não à toa ela escreveu mais de 30 livros publicados ao redor do mundo em 15 idiomas. Os principais teóricos que a influenciaram foram Paulo Freire, Toni Morrison, James Baldwin e Erich Fromm.

Dentro do movimento negro e do movimento feminista, hooks começou a enxergar contradições e, na busca de questioná-las, refletir acerca delas e procurar por alternativas, ela começou seu trabalho filosófico:

Entre os anos 1970 e 1980, assim como outras intelectuais e ativistas negras dos Estados Unidos e da América Latina, hooks presencia, dentro do

movimento negro, dominado pelos homens a negação do machismo, e no movimento feminista, dominado pelas mulheres brancas, a negação do racismo. Essa dupla negação também se expressava nas produções acadêmicas. A indignação sobre o silenciamento das experiências de mulheres negras foi central para que ela definisse seus interesses de pesquisa (Almeida, 2021, p. 6).

Em 1981, inspirada pelas palavras de Sojourner Truth, abolicionista negra que defendeu que todas as mulheres, incluindo as mulheres negras, deveriam ter direito ao voto (já que na época a discussão pelo direito ao voto incluía apenas mulheres brancas e homens negros, não mulheres negras), bell hooks publica seu primeiro livro, *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e o feminismo*, publicado no Brasil em 2019.

O início da carreira de bell hooks como autora se deu num contexto de emergência do feminismo negro nos Estados Unidos e na América Latina, visto que na época havia uma acirrada disputa pelos espaços acadêmicos e editoriais, tomados por pessoas brancas que, se apropriando das experiências de mulheres negras ao longo da história, escreviam sobre o ponto de vista dessas mulheres. De acordo com Almeida, tais trabalhos eram imensamente problemáticos:

Vários desses trabalhos, escritos por pessoas brancas, reforçavam estereótipos como, por exemplo, a força da mulher negra, baseada na premissa de que as mulheres negras conseguem contornar o impacto da opressão sexista ao serem fortes (Almeida, 2021, p. 7).

Para se levantar contra esse problema, mulheres negras (é digno de nota ressaltar que mulheres negras já escreviam desde *muito antes* desse cenário tomar forma) escreveram em formatos muito variados. A escolha de hooks foi organizar suas reflexões em primeira pessoa, enriquecendo-as com seus relatos pessoais, suas próprias visões de mundo e até mesmo mostrando como essas visões de mundo evoluíam à medida que ela escrevia, lia, estudava, ouvia, matinha o pensamento crítico afiado e até mesmo mostrava como sua própria visão se transformava com o passar de anos, vivências, escritas e experiências.

Esse estilo autobiográfico se tornaria uma marca registrada da autora. O gesto de pensar a partir de si mesma não era egocêntrico, auto indulgente ou quaisquer adjetivos negativos internalizados acerca dessa abordagem em

espaços acadêmicos conservadores; tal estilo, na verdade, era muito coerente com seu pensamento. Suas argumentações estavam sempre interligadas com suas vivências e suas visões, já que qualquer pessoa que escreve é constantemente atravessada pelo seu contexto; não nos despidimos do nosso eu e os deixamos escondidos numa caixa escura antes de escrever para vesti-lo somente depois que o trabalho acadêmico estiver terminado.

bell hooks escreveu diários, mas seu trabalho acadêmico não fez parte dessa categoria e eram tão embasados em teoria quanto quaisquer outros. A questão é que hooks vivia a teoria através da prática; a teoria a confortou muitas vezes na infância, mas se tornou apenas curativa e revolucionária quando praticada:

Quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática [...] A teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para esse fim (hooks, 2013, p. 85-86).

Refletindo de forma multidisciplinar sobre amor, feminismo, racismo, cultura, espiritualidade, psicanálise, política, arte e papéis de gênero, a escrita de bell hooks é clara, fluida e acessível, de modo que sua escrita era a transformação física de seus valores. Usando de teoria antirracista e feminista para construir o viés da maioria de seus livros, hooks refletiu em muitas dimensões críticas acerca dos sistemas de dominação que compõem a cultura hegemônica de nosso mundo, como o capitalismo, o imperialismo, o colonialismo, o racismo e o patriarcado.

Os temas acima são os eixos centrais deste trabalho e os principais meios pelos quais hooks enriqueceu sua discussão (explicitados claramente na introdução), mas sua escrita não se limitou a isso, visto que hooks também teceu reflexões riquíssimas acerca de prática pedagógica e produção cultural.

A crítica às mazelas da dominação e do colonialismo em nossa sociedade são transversais à sua busca por respostas e soluções. Ao buscar combatê-los, bell hooks acabou se encontrando com o tema mais frequente no conjunto de sua obra: o amor.

Tendo escrito várias obras sobre o amor, hooks se debruça no tema por inteiro. Busca por ele, o define, reflete sobre amor em todos os âmbitos, constrói uma ética do amor; pensa sobre o amor na vida de pessoas negras e

mulheres, o apresenta como ferramenta para basear políticas capazes de construir mudanças radicais e essenciais para enfrentar a violência.

bell hooks nos convida a praticar o amor. Essa ênfase na práxis, tão presente em sua obra, se liga com muito do que foi apresentado neste capítulo até o momento; da ética do amor mencionada acima, passando pela escrita em primeira pessoa até a adoção do nome da bisavó como pseudônimo.

bell hooks faleceu em 15 de dezembro de 2021, aos 69 anos, por complicações de insuficiência renal em decorrência de um câncer em estado terminal, deixando um fantástico legado de questionamento e busca por transgressão, libertação, cultivo do pensamento crítico, mudança social e, acima de tudo, amor. No fim das contas, sua própria prática narrativa é um esforço transformador para repensar quem somos, onde estamos inseridos, nossas ações e a organização do mundo ao redor para que possamos buscar transformações éticas. Essa prática é, também, à mudança, uma convocação que deve ser ouvida.

De alguma forma, sinto que este trabalho é minha resposta.

Capítulo 2: O amor em evidência: à procura de uma definição

Definições são pontos de partida fundamentais para a imaginação. O que não podemos imaginar não pode vir a ser. Uma boa definição marca nosso ponto de partida e nos permite saber aonde queremos chegar. Conforme nos movemos em direção ao destino desejado, exploramos o caminho, criando um mapa. Precisamos de um mapa para nos guiar em nossa jornada até o amor — partindo de um lugar em que sabemos a que nos referimos quando falamos de amor (hooks, 2021, p. 51).

Na obra de bell hooks, o tema do amor transpassava sua abordagem filosófica sobre todos os outros temas. O amor foi seu ponto de partida e seu destino, a estrada a guiá-la por todo o seu caminho.

Assim sendo, hooks falou sobre amor uma numerosa quantidade de vezes. Ela recorrentemente trouxe discussões e reflexões sobre o amor ao pensar sobre os principais temas de sua obra, discutindo amor de maneira extremamente enriquecida (e enriquecedora). bell hooks não apenas escreveu numerosos ensaios diretamente sobre amor ou que lidavam com o tema do amor em alguma medida como também dedicou uma trilogia de livros inteira para tratar de amor em suas mais variadas facetas, formas e maneiras de se mostrar: a famosa “Trilogia do Amor”³, que são as principais referências bibliográficas desse trabalho.

De fato, a “Trilogia do Amor” concentra a ampla e complexa reflexão da autora sobre o assunto. Para hooks, o amor é muito mais do que um tema batido e esgotado que não merece definições. Pelo contrário, a autora acredita que debater, refletir e pensar sobre o amor é fundamental para que alguém possa entender *o que é* amor, em primeiro lugar. Essas reflexões são constantemente engrandecidas pela aberta honestidade de seus relatos autobiográficos:

Se tivessem me dado uma definição clara de amor mais cedo em minha vida, não teria levado tanto tempo para me tornar uma pessoa amorosa. Se eu tivesse compartilhado com outros uma compreensão comum do que significa amar, teria sido mais fácil cultivar o amor. É particularmente angustiante que tantos livros recentes a respeito do tema continuem insistindo que definições de amor são desnecessárias e sem importância (hooks, 2021, p. 49).

³ Respectivamente *Tudo Sobre o Amor: Novas Perspectivas* (o único publicado no Brasil até o momento da autoria deste trabalho), *Salvation: Black People and Love* e *Communion: The Female Search for Love*.

Dessa forma, o ponto de partida para que seja possível compreender o que a autora entende como “amor” é compreender que uma definição de amor é estritamente necessária.

Quando é trazida à tona a ideia de que é faz-se necessária uma definição de amor para aprender a perceber o amor no mundo, a própria bell hooks compartilha um relato de vida que exemplifica que definir o amor é uma importante demanda: tendo hooks sido verbalmente abusada quando criança, ela não se sentiu amada e precisou, sozinha, descobrir como compensar a falta de amor em suas próprias relações interpessoais.

Enquanto fazia sozinha, simultaneamente, o trabalho de compreender como seu contexto de desamor familiar a afetou e ainda era carregado com ela enquanto um sujeito adulto, além de buscar entender o que era amor e procurar ser uma pessoa amorosa, as relações de amor que hooks encontrou foram invariavelmente marcadas pela *falta* de definição do que é amor. Diante da ausência dessa definição, as conexões da autora acabaram se mostrando muito parecidas com aquelas que ela tinha em casa — em particular as relações românticas:

Eu queria conhecer o amor, mas estava com medo de me entregar [...] Ao escolher homens que não estavam interessados em ser amorosos, eu era capaz de praticar o ato de dar amor, mas sempre num contexto insatisfatório. Naturalmente, minha necessidade de receber amor não era saciada. Recebia o que estava acostumada a receber — carinho e afeição, geralmente misturados com algum grau de grosseria, negligência e, em algumas ocasiões, franca crueldade. (hooks, 2021, p. 48).

Diante disso, compreendo que a busca pela definição de amor é essencial, visto que a única forma de alguém ser capaz de trilhar seu caminho para se tornar uma pessoa amorosa, aprender a como receber amor e distinguir amor do que é abuso, violência e injustiça, é entendendo o que é amor. Precisamos, mais do que nunca, refletir em busca de uma definição clara, na esperança de que nossas conclusões não fechem a conversa, mas que abram mais possibilidades para que o amor se torne cada vez mais parte do dia-a-dia do pensamento filosófico.

Portanto, neste capítulo, acompanharemos bell hooks nessa trajetória. Adotaremos como primeiro passo para compreender o amor em sua obra a estratégia que a própria autora escolhe para introduzir o tema; dessa maneira,

também ecoaremos essa escolha. Vamos começar pela base e buscar uma definição sobre o que é amor. Discutiremos o que é o amor tendo em vista que “amor” é algo que existe em amplos âmbitos da vida de um ser humano e vamos buscar descobrir o que é essencial para que o amor possa existir. Ao fim desse capítulo, após termos passado por esses estágios de pensamento, buscaremos uma conclusão que defina o que é amor, para que assim possamos ampliar a discussão e buscar expandir o que pensamos sobre o tema em sua essência.

Ao tentar definir o que é amor, logo encontramos os primeiros obstáculos na execução dessa tarefa. Esses obstáculos são definições rasas e pouco libertadoras que endossam e são coerentes com ideias estruturais de papéis de gênero do patriarcado, além de contemplarem apenas concepções românticas de amor. Essas definições são particularmente passadas adiante através da indústria cultural, a partir da infinidade de mídias e livros reforçando que o amor deve ser pensado de modo a se adequar a dinâmica patriarcal de poder.

Partindo da ideia de que homens e mulheres são polos opostos, autores que buscam definir o amor acabam trazendo perspectivas diferentes e “personalizadas” para cada um dos sexos. Quando não considera-se pensar além das caixinhas do patriarcado, resta a noção de que homens e mulheres habitam universos emocionais diferentes que não podem ser intercambiáveis. Naturaliza-se que a busca pelo amor deve ser embasada na consciência de que atravessar tal “barreira” é impossível.

Aceitar esse tipo de definição é um caminho que culmina na aceitação de vários comportamentos cultivados e endossados pelo próprio patriarcado. Ao invés de trazerem propostas libertadoras, essas definições transmitidas a partir dessas mídias nos prendem a um sistema de dominação. Esse tipo de mídia reforça falácias centrais do patriarcado, como a noção de que cabe ao homem prover e à mulher a tolerar a sua ausência. Enquanto homens têm passe livre para entregar uma versão de “amor” que é pouco honesta, as mulheres vivem sem esperanças de encontrar um amor completo e aceitam que o que um homem pode oferecer sempre estará aquém de suas expectativas. Atendo-se a perspectiva de que os sexos são polos opostos, autores que trabalham com

essas definições de amor reforçam um cenário no qual os sexos precisam respeitar e se adaptar a essas diferenças (hooks, 2021, p. 50).

Em última instância, definições dessa natureza estão apoiadas na ideia de que não apenas existem diferenças intrínsecas entre homens e mulheres, mas também que essas diferenças são naturais. No entanto, por mais que se possa falar de uma diferença subjetiva na percepção de homens e mulheres sobre amor, essas diferenças são aprendidas socialmente e não são inatas. Se fosse verdadeira a noção de que homens são objetivos e racionais, aversivos a emoções, e de que as mulheres são sentimentais e emotivas, não teriam sido os homens a se tornar a autoridade máxima no assunto do amor (hooks, 2021, p. 37), visto que mesmo a maioria dos autores de livros que buscam estruturar ou que simplesmente se apoiam nessa perspectiva são homens.

Além do que foi argumentado acima, tais definições de amor também são problemáticas porque acabam reforçando, em primeiro lugar, que “amor” é o sentimento normativamente romântico-sexual que une um casal heterossexual. São definições que minam a possibilidade de que as pessoas encontrem o amor como uma força motriz que deve estar presente em relações de todos os tipos e em todos os âmbitos da vida e que, por consequência, reforçam que nem mesmo na esfera romântica existe amor com possibilidades que desafiem a norma cisheteronormativa — essas definições não apenas não atendem, mas também não consideram o amor entre pessoas LGBTQ+ como possível.

Em segundo lugar, operando dentro da lógica patriarcal, essas definições perpetuam problemas comuns que homens e mulheres costumam encontrar buscando o amor. Elas reforçam que desonestidade e mentiras e a dinâmica patriarcal de poder são elementos essenciais do amor.

Diante dessa problemática, faz-se muito necessário buscar maneiras de encarar o amor como mais do que o sentimento que existe entre pessoas no âmbito romântico. O amor é um sentimento que deve existir em todas as esferas da vida de uma pessoa. É extremamente imperativo que não percamos do nosso horizonte que há uma infinidade de tipos de amor. Amor familiar, amor entre amigos, amor na comunidade, amor espiritual, amor pela humanidade e amor próprio são âmbitos de amor fundamentais na discussão de bell hooks sobre o amor e na busca da autora de refletir sobre o amor amplamente.

Ou seja: amor não é uma ideia fixa que existe apenas em um só lugar, mas algo fluido e que deve ser cultivado em todos os âmbitos da vida de uma pessoa. Afinal, “sem amor, nossas vidas não têm significado” (hooks, 2001, p. 17).

Essa perspectiva, além de transgressora, é transformadora. É por isso que a definição que buscamos aqui não deve ser fixa e unidimensional, mas partilhada (hooks, 2021, p. 43). Quando nos recusamos a aceitar a ideia de que o amor não pode ser definido, ou quando vamos além de ideias cujo objetivo é reforçar a agenda patriarcal de uma suposta única maneira de existir amor — amor romântico cisheterossexual e monogâmico —, iniciamos um exercício de delimitar definições sem destruir um campo fértil para as ideias — pelo contrário, ecoamos o ato de bell hooks de fazê-lo florescer nessa busca.

Nesse desafiador caminho de buscar uma definição partilhada, transgressora e transformadora sobre o amor, o primeiro passo será refletir sobre o que eu coloco, a partir da leitura de *Tudo Sobre o Amor*, como os pilares de qualquer relação amorosa: honestidade e justiça.

Acerca da honestidade, bell hooks constrói uma crítica profunda ao ato de mentir porque a mentira está profundamente enraizada e naturalizada em nossa cultura, de modo que a desonestidade não apenas é a norma, mas ainda por cima é encorajada no dia-a-dia das pessoas na medida em que a honestidade é recebida com uma reação injusta. Isso não significa que a maioria das pessoas minta com más intenções, mas que simplesmente é preferível mentir a correr o risco de enfrentar as consequências, por vezes desagradáveis, de dizer a verdade.

Isso se dá porque, em nossa sociedade, é encorajada a mentalidade de que a verdade sempre dói. Dessa forma, vivemos cada vez mais atados à ética distorcida de uma sociedade mentirosa na qual nossas relações são construídas em meio às mazelas da desonestidade, mesmo que disfarçadas com uma roupagem de “proteger pessoas da dor”. Não é real que a mentira possa de fato proteger qualquer pessoa da dor, visto que a naturalização da mentira em nosso mundo abre amplo espaço para dissimulação e manipulação, além de ser um componente fundamental do jogo de poder e da manutenção da dominação patriarcal.

Aprendemos a mentir desde muito cedo. Quando se é uma criança nesse contexto em que a mentira está coletivamente naturalizada, logo se percebe que os adultos não praticam o que nos ensinam: a honestidade perante uma figura de autoridade será respondida com punição, enquanto a mentira não apenas dá poder às crianças sobre os adultos, mas pode ser até mesmo recompensada (hooks, 2021, p. 68-69).

Eventualmente, essas crianças confusas e feridas se tornam adultos que internalizam o hábito de mentir e começam a praticar a ação da mentira em suas vidas e entre si, perpetuando, assim, um ciclo. Isso é evidente na dinâmica patriarcal de poder e dominação. Ainda que homens e mulheres mintam por motivos diferentes, ambos o fazem: “Homens aprendem a mentir como forma de obter poder, e mulheres não apenas fazem o mesmo como também mentem para fingir que não têm poder” (hooks, 2021, p. 70).

O patriarcado não apenas assegura que os homens “quebrem as regras” e não sofram as consequências, mas espera isso deles, já que o privilégio de cometer erros graves consecutivamente e não enfrentar as consequências é um dos vários “direitos” resguardados aos homens que conseguem cumprir seu papel de “homem de verdade”. Uma das coisas que o patriarcado nos ensina é que viver com honestidade é o oposto de cumprir com a agenda patriarcal de masculinidade, que envolve principalmente, mas não apenas, “ser durão” (hooks, 2021, p. 71).

Argumento, ainda, que na medida que o sistema patriarcal ensina aos homens que a mentira também é uma forma de obtenção e permanência do poder, há o evidente risco de um enfraquecimento da capacidade de dominação a partir da abnegação do poder manipulativo que é obtido através do hábito de mentir.

A mentira está interligada com o senso de identidade que é criado pela ideia da masculinidade patriarcal em homens jovens que não têm ferramentas para combater esse fenômeno em sua juventude. Buscando criar um “eu” que se conforme com essas normas, os homens abrem mão das emoções, aprendem a mascarar seus sentimentos verdadeiros e se afastam de si mesmos. De acordo com bell hooks,

A identidade masculina oferecida aos homens como ideal na cultura patriarcal demanda que todos os homens inventem e mantenham um “eu” falso. A partir do momento em que meninos pequenos são

ensinados que não devem chorar nem expressar mágoa, solidão ou dor, que devem ser duros, eles aprendem a mascarar seus sentimentos verdadeiros. Na pior das hipóteses, aprendem a nunca sentir nada [...]. O distanciamento dos sentimentos torna mais fácil para os homens mentir porque eles geralmente estão em um estado de transe, utilizando as estratégias de sobrevivência voltadas para a afirmação da masculinidade que aprenderam quando crianças. Essa inabilidade para se conectar com os outros carrega consigo uma inabilidade para assumir responsabilidade por causar dor. A negação é mais evidente em casos nos quais os homens tentam justificar a extrema violência contra quem tem menos poder, em geral mulheres, sugerindo que são eles as verdadeiras vítimas (hooks, 2021, p. 71-73).

Ainda que homens anseiem por amor, para manter um eu em conformidade à masculinidade e a dinâmica de poder patriarcal, eles são forçados a abandonar a procura pelo amor em nome de buscar exercer essa dominação sobre outras mulheres. A mentira é uma das formas que os homens encontram de exercer essa dominação a partir do terrorismo psicológico e da manipulação. Quando mentem para as mulheres e apresentam esse “falso eu”, eles abrem mão da confiança, o pilar da intimidade, e se fecham para o amor.

Em contrapartida, mulheres também usam a mentira como ferramenta para desempenharem seu papel na sociedade patriarcal:

De forma alguma os homens são o único grupo que usa mentiras como forma de ganhar poder sobre os outros. Na verdade, se a masculinidade patriarcal distancia os homens de sua identidade, é igualmente verdadeiro que as mulheres que aderem à feminilidade patriarcal — que insiste que as mulheres deveriam agir como se fossem fracas, incapazes de pensamento racional, burras, tolas — também são socializadas para usar uma máscara, para mentir (hooks, 2021, p. 75.)

A “máscara” feminina opera de uma forma diferente da “máscara” masculina. Ao invés de uma ferramenta de terrorismo psicológico, para as mulheres a mentira se apresenta muito mais como um instrumento de manipulação e enganação para que possam conseguir o que sentem que querem ou merecem.

O exemplo trazido pela própria autora tem justamente a ver com aquilo que é a responsabilidade máxima da mulher na estrutura patriarcal: a formação de uma família nuclear. Na medida que a performance da feminilidade patriarcal tornou aceitável que mulheres mintam para enganar, bell hooks discute sobre como mulheres (que possuem informação e acesso a métodos contraceptivos) escolhem engravidar de propósito e sem o consentimento dos parceiros para forçá-los a permanecer na relação, de modo a conseguir desses

homens um nível de comprometimento emocional que não existia ou existia de maneira insatisfatória.

Obviamente, esse comprometimento não surge do nascer de uma criança, mas esse é mais um dos casos em que a mentira é usada como ferramenta para buscar ter poder sobre alguém e forçar alguém a fazer algo contra a própria vontade (hooks, 2021, p. 77).

Coagir, oprimir, manipular ou mesmo abusar de outra pessoa a partir da mentira não somente não é ético, mas também é injusto. Uma conexão entre pessoas que não tem honestidade (e, portanto, confiança) e justiça não pode ser chamada de amor. Uma conexão baseada em mentiras é uma conexão falsa. Mentiras e injustiças não permitem que exista a base sólida que precisamos para viver, nutrir e praticar o amor.

Dessa forma, também é estritamente necessário que a justiça seja um dos pilares de uma conexão amorosa. Onde não há justiça, permanece aberto o espaço para a violência, a negligência e o abuso, que são antíteses do amor. A justiça deve ser uma das forças transformadoras presentes em relações humanas saudáveis de todas as naturezas. No caso do amor, a justiça abre as portas não apenas para o respeito, mas também para o carinho e o apoio.

Sendo assim, fundamentando-me nas reflexões de hooks, argumento ainda que justiça e a verdade sempre andarão juntas porque a verdade está intrínseca na justiça. Dessa maneira, honestidade e justiça se complementam, formando nossas bases. Essas duas coisas fazem com que seja possível construir relações com respeito e reconhecimento mútuos.

Também é muito fácil imaginar um caminho para definir amor no qual este se baseia apenas na afeição; tanto no desejo de demonstrar afeição ao outro quanto na felicidade genuína em receber afeto de quem se ama. No entanto, a afeição é apenas um dos elementos. Sobre a justiça e a honestidade, além da afeição e do carinho, é necessário mais.

O apoio numa relação amorosa nos fortalece e nos move adiante, mas apoio e outros “benefícios” de amar e ser amado, como segurança e autorrealização, só são possíveis num ambiente em que confiança e compromisso andem de mãos dadas. Quando esses elementos estão equilibrados, o amor promove liberdade, e não o contrário.

Portanto, podemos concordar com bell hooks e estabelecer que o amor é definido como uma mistura de carinho, afeto, reconhecimento, respeito, compromisso, confiança, honestidade, comunicação aberta (hooks, 2021, p. 44) e justiça.

Agora que concluímos o exercício de buscar uma definição para o amor, passaremos para o próximo estágio desse trabalho.

Capítulo 3: Uma ética amorosa: praticando o amor

Ao escolher amar, começamos a nos mover contra a dominação, contra a opressão. No momento em que escolhemos amar, começamos a nos mover para a liberdade, a agir de maneiras que libertem a nós mesmas/os e a outrem. Essa ação é o testemunho do amor como a prática da liberdade (hooks, 2006, p. 9).

Ao passo que o amor consiste em carinho, afeto, respeito, compromisso, confiança, honestidade, comunicação aberta (hooks, 2021, p. 44) e justiça, quando falamos de amor, não estamos falando de pura emoção subjetiva ou sentimentalismo, mas do *ato* de amar. Fazer essa distinção é importante para que seja possível que tiremos o amor desse campo privado e subjetivo e passemos a pensar no amor como uma *prática*. Precisamos passar a compreender o amor como a força-motriz que deve nos guiar; afinal, é o amor que é o “coração da questão” (hooks, 2001, p. 17) que deve estar no centro de nossas vidas.

Quando bell hooks escolhe pensar no amor como uma ação, ela está tentando quebrar a ideia de que o amor pertence apenas à esfera subjetiva da vida de cada indivíduo como um segredo sentimental, para que assim o amor possa ser transformado num ato político.

Se por um lado há uma concessão social de que uma pessoa não pode exercer vontade sobre seus próprios sentimentos — de que emoções são espontâneas, de que não podemos escolhê-las, que um sentimento existe independentemente de nossa vontade pessoal ou objetivos; naturalmente incontroláveis —, discutimos na filosofia continuamente, desde muitos milênios atrás, que não só *podemos*, mas que *devemos* controlar nossas ações e sermos capazes de executar nossa agência no mundo compreendendo que nossas atitudes ecoam por todo o sistema social do qual fazemos parte.

Por isso, em contrapartida, também entendemos coletivamente, como um acordo tácito, de que exercitamos esse poder pleno em nossas ações. É tido que toda ação tem consequências e, por isso, o ator está passível de arcar com a responsabilidade.

A palavra-chave aqui é justamente *ação*. Ao executar uma ação, independentemente se o responsável por essa ação tem ou não o hábito de

desenvolver seu pensamento crítico para ser capaz de refletir sobre questões como responsabilidade e consequências, essa ação deixa de ser uma abstração e se transforma numa realidade. Mesmo que não literalmente, a ação “toma forma” no nosso mundo, pois é ato. Ao agir, *praticamos*, nos tornamos responsáveis e nos comprometemos.

Convencionalmente, nós temos a tendência a pensar que a emoção tem o poder ou que de fato influencia todas as nossas ações, como se nossa agência fosse resultado direto, essencial e exclusivo daquilo que sentimos. Se invertermos esse costume e cultivarmos o pensamento de que a emoção nasce da ação, podemos caminhar para construir uma visão de mundo na qual não se aceita a barbaridade sob o pretexto da causa incontável das emoções (como, mesmo com o avanço de políticas públicas e no judiciário, ainda se fala em homens que assassinam mulheres ao estarem desamparadamente à mercê de suas “crises de ciúmes” naturais de seu sexo e provocadas pelas mulheres) e abandonamos ideias pouco construtivas como “o amor de (todas as) mãe(s) é incondicional”.

Como se viu até mesmo neste texto, a partir do momento que se começa a falar em ação, obrigatoriamente também deve-se falar em responsabilidade. A convenção de que “ações têm consequências” exige que haja responsabilização sobre essas ações e essas consequências. Quando escolhemos amar e entendemos “amar” como prática amorosa, nos responsabilizamos por amar.

E para o amor, essa abordagem é extremamente frutífera: “Se nos lembrássemos constantemente de que o amor é o que o amor faz, não usaríamos a palavra de um jeito que desvaloriza e degrada o seu significado. Quando amamos, expressamos cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança” (hooks, 2021, p. 51).

Não se “ama” somente em teoria. Os “componentes” do amor citados acima podem ser expressados de várias maneiras, mas ainda precisam ser expressados *de alguma forma* que seja para se fazerem como existentes no mundo, dentro de nós mesmos e dentro das pessoas ao nosso redor que amamos e buscamos amar. Acreditar que é possível amar e que se está amando apenas porque é conveniente falar em amor (como no exemplo acima acerca de amor incondicional em famílias nucleares, ou mesmo ao confundir o

“se apaixonar” “involuntário” e “incontrolável” com a prática amorosa) é uma ilusão. Pode-se entender *o que* é o amor, mas o amor nasce, floresce, cresce e permanece a partir da prática daquelas “características” que foram pensadas como essenciais ao amor.

Com um pouco de reflexão, percebe-se que absolutamente todos os “ingredientes” do amor só são possíveis na prática. Cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança, em nossa língua, são substantivos; no entanto, não somente todos podem existir em forma de verbo (cuidar, afeição, responsabilizar, respeitar, se compromissar, confiar), como devem ser sempre compreendidos e executados na forma de ação.

Esses “componentes” do amor, na mesma medida que o próprio amor, só podem existir na medida que são transformados em ato. Assim como cada um deles, precisamos sempre pensar em amor não como substantivo, mas como verbo. Precisamos de amor na mesma medida que precisamos “amar”.

Dessa forma, é impossível que o amor verdadeiro seja uma dessas emoções involuntárias a qual estamos à mercê. Não se “cai de amores”, não existem amores instantâneos e involuntários que nos arrebatam e nos tiram de nossa órbita ao espelho dos filmes de romance. Como o amor só se torna presente no mundo a partir da prática, ele se constrói. Mais do que isso, o amor não se constrói involuntariamente — o amor só é possível porque amar é uma escolha. *Escolhemos* o ato de amar.

De acordo com o psicanalista estadunidense M. Scott Peck, que bell hooks convida constantemente para as suas discussões, “O amor é o que o amor faz. Amar é um ato de vontade — isto é, tanto uma intenção como uma ação. A vontade também implica escolha. Amar é um ato da vontade” (Peck *apud* hooks, 2021, p. 47).

Portanto, a partir daqui, neste trabalho, a própria palavra “amor” e os substantivos que “compõem” o amor serão compreendidos em seus significados verbais.

No capítulo anterior, refletimos para compreender uma definição partilhada de amor na qual este não é mais pensado como sentimentalismo romântico, mas sim como algo necessário para todos os seres humanos em todos os âmbitos da vida. Quando esse amor é uma prática plural e pode-se viver o

amor em todos os âmbitos, conseqüentemente é incorporada a prática do amor na vida das pessoas.

Essa prática do amor deve ser a estrela-guia de todos, e temos uma necessidade urgente disso. Vivemos num mundo sem amor abarrotado de mazelas. Nos encontramos em constante estado de medo e ansiedade, à mercê de uma cultura de sistemas de dominação que é a própria responsável por fomentar esse medo, se alimentando de nosso sofrimento coletivo para se manter e manter a obediência:

Culturas de dominação se apoiam no cultivo do medo como forma de garantir a obediência. Em nossa sociedade, falamos muito do amor e pouco do medo. Todavia, estamos terrivelmente apavorados o tempo todo. Como cultura, estamos obcecados com a ideia de segurança. Contudo, não questionamos por que vivemos em estados de extrema ansiedade e terror. O medo é a força primária que mantém as estruturas de dominação. Ele promove o desejo de separação, o desejo de não ser conhecido. Quando somos ensinados que a segurança está na semelhança, qualquer tipo de diferença parece uma ameaça. Quando escolhemos amar, escolhemos nos mover contra o medo — contra a alienação e a separação. A escolha por amar é uma escolha por conectar — por nos encontrarmos no outro (hooks, 2021, p. 116).

A única coisa verdadeiramente capaz de romper com o ciclo vicioso ansiedade causado por uma cultura de dominação, capaz de vencer o desejo de separação, capaz de nos permitir enfrentar o medo, é uma *ética do amor* (hooks, 2021, p. 116).

Quando praticado, o amor imediatamente se torna algo que se estende muito além da esfera subjetiva da vida de uma pessoa; ao escolher amar, estamos simultaneamente praticando o autoamor e praticando o amor pelo mundo ao nosso redor. A raiz da ética do amor é justamente a disposição de praticar o ato de amar de uma forma que ele transcenda o “eu”, mas sem nunca abandoná-lo, englobando a si mesmo e ao mundo.

Trago aqui a questão do “amor ao mundo” porque, como um coletivo, a humanidade não pode despertar para o amor e, ao mesmo tempo, perseguir o poder de uma cultura de dominação.

A cultura hegemônica dominante no mundo, hoje, é uma cultura ultracapitalista, imperialista, exploratória, patriarcal e racista cujos fundamentos foram construídos com sangue negro e indígena num “tempo” colonial que nunca se encerrou. Essa cultura nasceu da violência, perpetua violência e necessita da violência para continuar se sustentando. Ela é, em si, o oposto do

amor, e praticar uma ética do amor exige que a humanidade se levante contra ela: “Uma cultura de dominação é anti-amor. Exige violência para se sustentar. Escolher o amor é ir contra os valores predominantes dessa cultura” (hooks, 2006)⁴.

Como os sistemas de dominação incutem nas pessoas o medo da mudança, é preciso que esse medo seja enfrentado não somente em pequena escala, mas principalmente em grande escala. É necessário que seja feita a escolha de agir a favor daquilo que se acredita; de buscar realizar no mundo a transformação que buscamos ver. Quando se adota uma ética amorosa e se permite que ela guie nosso comportamento, é preciso que esta ética opere tanto as pequenas mudanças no nosso cotidiano como também seja o meio para buscar mudanças radicais.

Incorporar a ética do amor envolve cultivar o pensamento crítico para que seja possível que uma pessoa analise suas próprias ações, de forma que essa compreensão crítica de si mesmo e de sua agência no mundo possibilite que o amor seja praticado por completo e conscientemente, de maneira que se busque conhecer o amor mais e mais. “Entender o conhecimento como um elemento essencial do amor é vital, pois somos diariamente bombardeados com mensagens que nos dizem que o amor está relacionado ao mistério, ao que não podemos conhecer” (hooks, 2021, p. 117).

O amor deve ser uma prática de liberdade, mas não pode haver liberdade sem consciência. Para que grupos oprimidos possam se libertar da opressão, é necessário que seja questionado o status quo, “as posições, as lealdades e lealdades” que ditam a norma de como esses grupos devem viver suas vidas. Esses questionamentos são a base da descolonização (hooks, 2006).

Em seu ensaio *Love as the practice of freedom*, presente em seu livro *Outlaw Culture: Resisting Representations*, bell hooks aponta para a ausência de discursos poderosos sobre o amor que tenham o objetivo de criar uma agenda a partir da qual possamos transformar nossa sociedade e construir um

⁴ hooks, bell. Love as the practice of freedom. In: *Outlaw Culture. Resisting Representations*. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 243-250. Tradução para uso didático por wanderson flor do nascimento. Disponível em: <https://doceru.com/doc/sxxen51>. Acesso em: 24 jul. 2023.

amanhã melhor. Esses discursos não existem atualmente, nem da parte da esquerda e nem da direita (hooks, 2006).

Esse fato é problemático porque círculos progressistas que se propõem a buscar mudanças radicais no mundo não podem executar tais mudanças sem uma ética do amor como pilar para suas ações. Mudanças efetivas que buscam romper com os paradigmas de uma cultura de dominação não podem ser concretizadas sem uma ética do amor para firmá-las:

Sem amor, nossos esforços para libertar a nós mesmas/os e nossa comunidade mundial da opressão e exploração estão condenados. Enquanto nos recusarmos a abordar plenamente o lugar do amor nas lutas por libertação, não seremos capazes de criar uma cultura de conversão na qual haja um coletivo afastando-se de uma ética de dominação (hooks, 2006, p. 1).

Na ausência da ética do amor moldando nossas práticas cotidianas e de uma política do amor guiando nossas aspirações radicais, somos seduzidos para sistemas de dominação e falhamos em nos libertar desses sistemas de dominação. Como a ética do amor “pressupõe que todos têm o direito de ser livres, de viver bem e plenamente” (hooks, 2021, p 111), ela não somente é uma ferramenta importantíssima para enfrentar sistemas de dominação como também não pode permitir que a violência natural desses sistemas seja aceita, naturalizada e que permaneça.

Para que a ética do amor se torne uma parte integral de nossas vidas em comunidade, nossa sociedade como um todo precisa mover-se em direção à mudança. Naturalmente, essa mudança precisa ser individual em alguma escala, visto que “indivíduos que escolhem amar podem alterar e alteram a própria vida para honrar a primazia da ética amorosa” (ibidem, p. 111). Na vida de um ser humano, a ética amorosa é transformadora na medida que oferece um conjunto de valores pelo qual viver, permitindo que façamos escolhas com honestidade, franqueza e integridade. No entanto, isso não pode valer apenas para a vida pessoal, sendo imperativo que valha também para a vida pública. Ressalto, mais uma vez, que isso significa buscar mudanças sociais e estruturais de grande escala.

Buscar tais mudanças de grande escala parece ser um desafio desproporcionalmente difícil e ainda mesmo irrelevante nesta sociedade individualista. Mesmo quando nos organizamos coletivamente para nos colocar contra a dominação, não nos colocamos individualmente contra todas as

formas de opressão, muitas vezes endossando umas enquanto combatemos outras:

Sempre me intrigou que mulheres e homens que passam uma vida trabalhando para resistir e se opor a uma forma de dominação possam apoiar sistematicamente outras. Fiquei intrigada com poderosos líderes negros visionários que podem falar e agir apaixonadamente em resistência à dominação racial e aceitar e abraçar a dominação sexista das mulheres; com feministas brancas que trabalham diariamente para erradicar o sexismo, mas que têm grandes pontos cegos quando se trata de reconhecer e resistir ao racismo e à dominação por parte da supremacia branca do planeta (hooks, 2006, p. 1).

Esses são exemplos de situações em que a busca pela mudança radical tem uma raiz individualista. Nesta sociedade, é aceitável que nos coloquemos contra opressões apenas quando essas nos afetam pessoalmente, o que não nos deixará mais próximos do fim de uma cultura de dominação, mas mostra apenas que queremos o fim do que nos machuca. É plenamente aceitável não querer sofrer, principalmente dentro do sistema de opressão de uma cultura de dominação, mas tal tipo de cultura só pode ser combatido se destruído por inteiro.

Se guiados por uma ética do amor que nos permita nos colocar contra não apenas aquilo que afeta a nós mesmos, mas também ao próximo, podemos ter esperança de sermos capazes de mudar. A necessidade de uma ética de amor é para “intervir em nosso desejo autocentrado por mudança” (hooks, 2006). A libertação deve ser coletiva, e não individual.

Ainda que não interesse ao conservadorismo que enfrentemos o medo de mudanças radicais e do amor, esse medo precisa ser enfrentado. Uma ética amorosa oferece as ferramentas para esse enfrentamento e fortalece nossos laços comunitários.

Frequentemente, bell hooks cita um dos líderes pelo Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos, Martin Luther King Jr., como um líder político que foi capaz de criar uma agenda de libertação de um sistema de dominação baseado no amor. Mesmo que a cultura dominante não fosse fundamentada em amor, e ainda que o Movimento dos Direitos Civis fosse limitado por ser um movimento reformista, não revolucionário, foi capaz de concretizar mudanças efetivas por ter sido enraizado numa ética do amor (hooks, 2006).

Luther King foi capaz de perceber que a única forma de realizar seu sonho de viver numa sociedade sem racismo seria se ele baseasse seus esforços na ética do amor e que qualquer outra fundação estaria fadada ao fracasso. Luther King, inclusive, afirmou, ao longo de sua trajetória, ter decidido amar, ciente de que a prática do amor é uma escolha libertadora e transformadora. De acordo com bell hooks,

Repetidas vezes, Luther King afirmou que ele "havia decidido amar", porque acreditava profundamente que, se estamos "buscando o bem supremo", nós "o encontramos por meio do amor", porque esta é "a chave que abre a porta para o significado da realidade última". E o ponto de estar em contato com uma realidade transcendente é que lutamos por justiça, ao mesmo tempo percebendo que somos sempre mais do que nossa raça, classe ou sexo (hooks, 2006, p. 2).

O enfraquecimento da ética do amor na luta pela libertação racial de pessoas negras nos Estados Unidos, na verdade, se deu quando o movimento Black Power afastou a ênfase da libertação negra do amor e a transferiu para o poder; ainda que o movimento Black Power tenha adotado uma perspectiva revolucionária e anti-imperialista, e não reformista, de libertação.

Acima de tudo, o conceito de bell hooks de uma ética do amor é um caminho para pensarmos em um princípio baseado no amor que guie a vida privada e pública de todos dentro de um contexto em que é exercido o poder. Isso nos permitirá pensar numa ética do amor que guie os laços em comunidade e numa política do amor que possa ser uma saída para o que bell hooks chamou de "crise do amor".

Sendo assim, nos concentraremos no assunto do próximo capítulo: o amor na vida de pessoas negras.

Capítulo 4: Amando a negritude: amor e comunidade na vida de pessoas negras

O amor é profundamente político. Nossa revolução mais profunda virá quando nós entendermos essa verdade. Apenas o amor pode nos dar a força para avançar adiante no meio do coração partido e da miséria. Apenas o amor pode nos dar o poder para reconciliar, para redimir, o poder para renovar espíritos cansados e salvar almas perdidas. O poder transformador do amor é a fundação de toda mudança social significativa. Sem amor nossas vidas são sem significado. Amor é o coração da questão. Quando tudo ruir, o amor sustenta (hooks, 2001, p. 78. Tradução livre).

Atualmente, o povo negro enfrenta o que bell hooks chama de “crise do amor”. Essa crise coletiva do amor assola indivíduos e comunidades negras de todos os lugares. Tal crise é como uma ferida aberta na vida de pessoas negras que não pode ser fechada com os desejos consumistas e materialistas do ultracapitalismo.

Sua solução não se encontra em bens materiais ou dinheiro (mesmo que algum nível de condições financeiras seja necessário para garantir qualidade de vida num mundo capitalista que se sustenta em trabalho exploratório e competição, o dinheiro não é tudo; precisamos, inclusive, abandonar a ideia de que todas os sofrimentos existenciais de pessoas negras estão intrinsecamente interligados a alguma falta de bens materiais), nem mesmo necessitaria apenas de algo como o “fim da violência” — pois a violência que condena pessoas negras à insegurança e quebra nosso espírito não tem apenas natureza urbana.

A raiz dessa crise do amor, na verdade, é a herança colonial sob a qual o racismo se mantém e a imensa dor que essa herança representa para o povo preto:

Sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, “feridos até o coração”, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido (hooks, 2000, pg. 188).

Portanto, vamos investigar de que maneira essa herança colonial se faz presente no amor na vida de pessoas negras e influencia desde a forma que amamos uns aos outros até a maneira como tratamos a nós mesmos.

Segundo bell hooks, a dificuldade de pessoas negras na diáspora com o ato de amar começa com a escravidão:

Nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão. Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essa coisa que a gente chama de amor. Elas sabiam, por experiência própria, que na condição de escravas seria difícil experimentar ou manter uma relação de amor (hooks, 2000, p. 189).

O que nossos ancestrais tiveram que viver, testemunhar e sobreviver em um contexto escravocrata tornou-se uma ferida geracional. Os mecanismos de sobrevivência que negros escravizados precisaram desenvolver em um contexto tão brutal são extremamente radicais e estão enraizados em nossa vida até hoje, enquanto tentamos sobreviver ao neocolonialismo.

Tal necessidade de sobreviver impactou gravemente a maneira como amamos. Uma vez livres, mesmo que ansiosas por amor, não foi possível para que pessoas negras comesçassem a amar sem a enorme presença desse trauma permeando suas relações. Nossas capacidades de nos conectarmos uns com os outros dentro de nossas famílias nucleares, em nossas comunidades e como amantes foram e ainda são profundamente afetadas pela resposta psíquica a esse trauma.

Afastados de nossas origens e buscando, uns com os outros, construir raízes nas regiões onde permanecemos depois de termos sido sequestrados e escravizados, temos enorme dificuldade para estabelecer uma relação saudável com nossas emoções e muitas vezes reproduzimos de alguma maneira, em nossa vida privada, facetas da violência da escravidão.

Crianças nascidas após a abolição recebiam uma criação de pais traumatizados que tentavam prepará-las para um mundo de racismo. Consequentemente, essas crianças eram educadas por sua família de sangue divididas entre dois tipos diferentes de comportamento para seguirem. Ao mesmo tempo em que eram ensinadas para que, em um ambiente negro, “respeitassem a si mesmos e a outras pessoas, cultivar boas maneiras, contar a verdade” (hooks, 2001, p. 22), elas aprendiam que precisariam agir de uma forma completamente diferente em um ambiente branco, no qual deveriam aceitar a subordinação. Pais que temiam pela segurança de seus filhos disciplinavam suas crianças com dureza, muitas vezes se sentindo obrigados a

“quebrar o espírito” de uma criança criativa para prepará-las para a realidade do mundo de *apartheid* racial (ibidem, p. 23).

Ensinadas a aceitar subordinação, crianças negras naturalmente se sentiam num estado de conflito psicológico. Por um lado, nós tínhamos que possuir autoestima o suficiente para procurar educação e autoavanço, mas por outro nós tínhamos que saber nosso lugar e permanecer nele. Muito frequentemente pais usavam dura disciplina e punição para ensinar a crianças negras seu “devido lugar” (hooks, 2001, p. 23. Tradução livre).

Essa primeira geração de pais negros livres sentia que era um gesto de amor ensinar a seus filhos as “maneiras” de sobreviver no “mundo real”. Isso se deu com a assimilação da crença de que dinâmicas de dominação e subordinação eram naturais. O pensamento enraizado em suas psiquês pela escravidão de que os mais fortes devem dominar os mais fracos por quaisquer meios necessários fez com que essas primeiras famílias negras libertas, despreparadas para a arte de amar depois de vidas inteiras levadas em modo de sobrevivência, pensassem que estariam cuidando e amando seus filhos ao naturalizar abusos domésticos dessa natureza — para que a criança crescesse com a força necessária para enfrentar a inevitável dor e a violência racial do mundo, o que seus pais puderam fazer foi quebrar seus espíritos primeiro. Com conflito de poder, controle e dominação sendo disputados a partir do abuso nos espaços domésticos, famílias negras tragicamente reproduziam os métodos brutais que os senhores de engenho usavam contra elas (hooks, 2000, p. 189).

Para essas primeiras gerações de famílias negras livres, a prática do amor se reduzia à ser capaz e a buscar atender as necessidades materiais dos mais vulneráveis. Enquanto carinho e afeto eram reservados apenas às crianças muito pequenas, famílias que sentiam o peso do trauma geracional da escravidão muitas vezes tinham as necessidades materiais como prioridade.

Ainda que pessoas negras tivessem se tornado legalmente livres depois da abolição, grandes massas de pessoas negras encontraram imensa dificuldade para se manter no contexto pós-abolição, visto que seu acesso ao mercado de trabalho era escassíssimo. Sendo assim, por gerações, famílias negras enfrentaram em sua maioria uma extrema falta de acesso a condições materiais que permitissem que elas vivessem num mundo racista e capitalista com qualidade de vida. Diante da imensa dificuldade e do esforço constante para colocar a “comida na mesa”, faz bastante sentido que, por tantas

gerações, o senso comum entre famílias negras, principalmente entre os adultos, fosse que a epítome do amor era a preocupação com atender as necessidades materiais dos demais membros da família (hooks, 2001, p. 26).

Ao longo de seu trabalho, bell hooks compartilha vários relatos autobiográficos sobre a falta de amor que sentia da parte de seus pais. Em *Salvation*, ela divide uma conversa que teve com sua mãe sobre como hooks não se sentia amada por seu pai, que desempenhava o papel de provedor da família:

Eu estava utilizando um olhar crítico em minha relação com meu pai. Eu disse para Mamãe que eu não sentia que Papai me amava. E ela me disse, “É claro que ele te ama. Ele tomou conta de todas as suas necessidades todos esses anos” (hooks, 2001, p. 27. Tradução livre).

Ainda que prover para os vulneráveis seja essencial numa relação familiar no sistema capitalista, atender às necessidades materiais não é tudo para o amor. O ato de amar ainda envolvia o respeito, carinho, justiça e comunicação que crianças frequentemente sentem falta quando crescem num contexto familiar em que prover abrigo e bens materiais é o único gesto de amor.

Parte essencial da crise do amor que assola a vida de pessoas negras é justamente a carência de amor causada da dificuldade de se endereçar esses “componentes” do amor que têm a ver com aceitar, trabalhar e demonstrar emoções. Geracionalmente, crianças criadas nesses contextos crescem feridas e sem conhecerem o amor, mas entendendo o que é precisar atingir conforto material por qualquer meio necessário. Dessa forma, muitos de nós estamos há gerações precisando sobreviver, também, ao trauma de profundo abandono emocional que moldou a relação de pessoas negras na diáspora com o amor (hooks, 2001, p. 18).

Uma das grandes consequências desse abandono emocional é a repressão das emoções. Reprimir suas próprias emoções foi um grande mecanismo de sobrevivência que pessoas negras escravizadas desenvolveram para suportar o horror em seu dia-a-dia. Nossa busca coletiva por conforto material a qualquer custo (não apenas como pessoas prezando pela sobrevivência no sistema capitalista, mas principalmente como pessoas negras criadas em famílias que ecoam os traumas geracionais já citados neste texto) também é um eco do hábito de reprimir o que nos machuca. De certa forma, a

busca por privilégio material foi gradualmente se tornando o foco na luta por libertação negra (hooks, 2001, p. 9).

A repressão emocional é um grande obstáculo entre pessoas negras e o amor. De acordo com hooks,

Num contexto onde os negros nunca podiam prever quanto tempo estariam juntos, que forma o amor tomaria? Praticar o amor nesse contexto poderia tornar uma pessoa vulnerável a um sofrimento insuportável. De forma geral, era mais fácil para os escravos se envolverem emocionalmente, sabendo que essas relações seriam transitórias. A escravidão criou no povo negro uma noção de intimidade ligada ao sentido prático de sua realidade. Um escravo que não fosse capaz de reprimir ou conter suas emoções, talvez não conseguisse sobreviver (hooks, 2000, p. 190).

Gradualmente, foi internalizado que a capacidade de manter as emoções “sob controle” a qualquer custo é uma característica positiva e que deve ser buscada. Até hoje, muitas crianças relatam a experiência de serem forçadas pelos pais a não chorarem quando são brutalmente espancadas, por exemplo. Muitas vezes, o ato de expressar as próprias emoções é tido como infantilidade, já que poder expressar uma grande variedade de emoções também costuma ser algo reservado apenas às crianças.

Associando o ato de expressar emoções a fraqueza, temendo expressá-las por medo de punição, crescendo num mundo onde o racismo tira de pessoas negras o direito de sentir, nos fechamos para o amor. A prática amorosa demanda ato, e não se pode agir sem expressar. Nos prendemos ao silêncio mesmo dentro de nós mesmos, em nossos corações.

O hábito da repressão emocional é extremamente nocivo. Audre Lorde, também refletindo sobre a transformação das palavras em ação em um período extremamente vulnerável de sua vida — tendo sido diagnosticada com câncer de mama e recentemente tido a notícia de que precisaria realizar uma cirurgia na mama —, falou sobre o sofrimento de viver em silêncio:

O que você precisa dizer? Quais são as tiranias que você engole dia após dia e tenta fazer suas próprias, até que você adoecerá e morrerá por causa delas, ainda em silêncio? [...] Minha filha, quando a contei sobre nosso assunto e minha dificuldade com ele, disse, “Diga a eles sobre como você nunca será uma pessoa completa se você permanecer em silêncio” (Lorde, 1984, p. 41-42. Tradução livre).

Para que possamos conhecer o amor enquanto pessoas negras, é crucial que sejamos capazes de aprender a responder nossas necessidades emocionais. No entanto, o povo negro enfrenta o que hooks chama de “crise do

amor” em parte porque, desde cedo, o que aprendemos é a negar nossas necessidades mais íntimas. Ignorando tais necessidades, a tendência é que surja uma enorme fragilidade e vulnerabilidade em nossos espíritos, de modo que é muito fácil que confundamos repressão com controle de emoções.

Quando pessoas negras se abrem para conhecerem seus sentimentos, elas são capazes de se encontrarem com suas emoções e definirem o que precisam. Estar aberto para si mesmo também é fundamental para outra de nossas feridas: nossa falta de autoamor.

O trauma da supremacia branca e do racismo deixa uma série de feridas psíquicas que afetam imensamente a nossa autoestima enquanto pessoas negras. De micro agressões até a efetivação de uma política de morte contra negros, na qual a pele negra é um “signo de morte” e, portanto, negros são “inimigos” (Silva; Nascimento, 2019, p. 175), pessoas negras encontram alguma forma de ódio racial todos os dias (hooks, 2001, p. 55). Mas frequentemente encontramos o racismo em nossos lares, sofrendo racismo da parte de nossas famílias nucleares por características como a textura de nossos cabelos, a tez da pele e outros símbolos de negritude que a supremacia branca nos ensinou a odiar.

A forma como muitos de nós internalizamos estereótipos e as experiências de racismo acerca da nossa aparência, do nosso valor e da nossa identidade, e nos vemos desumanizados e objetificados, não é um acaso. Nossa autoestima ferida, e até mesmo a forma como podemos ferir a autoestima daqueles que nascem depois de nós, é uma mácula do colonialismo implantada em nosso imaginário pela supremacia branca. A maneira como somos induzidos a nutrir um imenso auto-ódio é uma estratégia de colonização que busca garantir que mesmo quando a branquitude não esteja fisicamente presente, os valores na supremacia branca ainda sejam perpetuados (hooks, 2001, p. 59).

A mídia de massa é uma das grandes ferramentas dessa estratégia nos dias atuais. Ainda que o esforço de mudar o cenário da representação negra na mídia esteja, atualmente, dando frutos, nos deparamos até hoje com representações racistas e cruéis que são usadas para convencer todos os expectadores, negros ou não, da inferioridade de pessoas negras (hooks, 2001, p. 64).

Dessa forma, vivemos em uma sociedade na qual estamos enfrentando imagens negativas de pessoas negras diariamente. É necessário coragem e vigilância para que autoestima e autoamor possam emergir. Por isso, bell hooks propõe que renovemos a luta antirracista de forma que se foque em amar a negritude:

Coletivamente, pessoas negras e nossos aliados na luta são empoderados quando praticamos o autoamor como uma intervenção revolucionária que enfraquece práticas de dominação. Amar a negritude como resistência política transforma nossos modos de ver e de ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nós nos movamos contra as forças da dominação e da morte e reclamemos a vida negra (hooks, 2001, p. 66).

O amor não é um valor mercadológico. Podemos abrir nosso coração e encontrar o espaço para desenvolvermos o amor por nós mesmos em qualquer lugar. O autoamor que foi tirado de pessoas negras precisa ser clamado de volta para nós. Somente quando aprendermos a amar nossa negritude e aprendermos a nos amar coletivamente enquanto pessoas negras, teremos a base necessária para buscar uma ética do amor que guie nossos laços comunitários e possibilite uma saída para o problema que enfrentemos nessa “crise” do amor.

Seres humanos se organizam em comunidades em todos os lugares do mundo. Elas alimentam a vida e nos ensinam a amar. Quando pensamos em nossos laços familiares para além de nossa família nuclear, considerando não apenas “pai e mãe”, mas toda a teia de pessoas ao nosso redor com quem nos conectamos, podemos significar nossas vidas.

No Ocidente, o capitalismo e o patriarcado fizeram grande esforço para estreitar o conceito de comunidade e reduzi-lo apenas àqueles que fazem parte de nossa família nuclear e privada, pois isso facilita os abusos de poder e a violência doméstica, não apenas de marido contra mulher, mas também de pai e mãe contra as crianças. Uma comunidade reduzida à família nuclear endossa estruturas patriarcais e capitalistas de submissão, dependência financeira e disputas de controle.

Assim sendo, bell hooks reivindica não apenas por uma família estendida, mas por uma amplitude da noção de comunidade que envolva, também, nossas amigadas e quaisquer outras pessoas que desejemos amar, sustentando laços por meio de compaixão e perdão (hooks, 2021, p. 153).

A comunidade eleva nossa vida, se tornando um espaço seguro onde podemos amar e ser amados, encontrando todos os âmbitos do amor (carinho, afeto, reconhecimento, respeito, compromisso, confiança, honestidade, comunicação aberta e justiça). Praticando a ética amorosa em nossa comunidade, encontramos uns aos outros.

Durante muito tempo, a narrativa que contava-se acerca das pessoas negras na diáspora era a de que a história da negritude começava na escravidão (hooks, 2021, p. 19). Essa ideia reduz nossa subjetividade inteira às dores da desumanização, de modo que essas dores são transformadas em nossa condição existencial.

A supremacia branca repete constantemente que, a essas dores, não há saída, escapatória ou esperança. Todavia, podemos nos libertar da internalização de que, como pessoas negras na diáspora, só nos resta desesperança, trauma e desamor quando praticamos a prática amorosa.

Portanto, proponho que, enquanto pessoas negras, pratiquemos a ética amorosa em comunhão. Busquemos primeiro o autoamor para que possamos amar uns aos outros em nossa comunidade com alegria e graça, construindo os fundamentos que precisamos para lutar contra sistemas de dominação. Dessa forma, podemos construir políticas efetivas baseadas em amor que nos guie a mudanças radicais e a uma sociedade na qual a prática amorosa seja o pilar de nossas relações uns com os outros enquanto seres humanos.

Quando pessoas negras retornam e reencontram o amor, elas encontram uma ferramenta saudável, transformadora e libertadora para sobreviver. Com a ética do amor e a prática amorosa, podemos nos dar amor, amar a negritude, nos conectarmos eticamente. Ela nos permite que encontremos o caminho para deixar para trás e quebrar o ciclo do abuso doméstico justificado em “nos preparar” para uma violência natural; nos ajuda a entender que conforto material não é tudo; nos conecta com nossas emoções e permite que nos conheçamos

O amor cura. Entendendo nosso passado, o amor nos ajuda a ressignificar o presente e sonhar com o futuro, enquanto o amor próprio e o amor em comunidade acalenta as feridas em nossos corações.

A filosofia de bell hooks é fundamental para que trilhemos esse caminho e possamos encontrar ferramentas para enfrentar o colonialismo e os sistemas

de dominação que assolam nosso mundo. A prática amorosa é o que nos permite fundar uma política do amor que será nosso caminho definitivo para concretizar mudanças radicais e transformadoras no mundo. Por isso, faço das palavras da autora as minhas e afirmo que “o amor é nossa esperança e nossa salvação” (hooks, 2001, p. xxiv).

Considerações finais

O pensamento filosófico de bell hooks sobre o tema do amor se mostra como uma alternativa urgente aos problemas que nossa sociedade enfrenta desde o colonialismo até os dias atuais. A partir de muita análise e fazendo críticas precisas, a autora nos mostra progressivamente, em seu conjunto da obra detalhado e extensivo, sobre como precisamos que a prática amorosa seja a base dos nossos esforços para enfrentar a dominação, nos libertarmos de opressões, aprendamos a amar aos outros e a nós mesmos.

É necessário que a prática amorosa e a ética do amor se façam presentes em nossos esforços e na militância política para a construção de políticas que busquem por libertação e combatam a opressão e a dominação, visto que intervenções baseadas em violência não se sustentam a longo prazo e não são suficientes para revolucionar um cenário em que a guerra se tornou a ordem do dia. Apenas com a prática amorosa sendo a estrela guia das nossas vidas que somos capazes de coletivamente enfrentar a dominação e nos recuperar das feridas profundas que a dominação causa em nossos espíritos.

O amor precisa ser pensado como um conceito que demanda a prática de carinho, afeto, reconhecimento, respeito, compromisso, confiança, honestidade, comunicação aberta e justiça. Principalmente, precisamos pensar o amor não mais como um substantivo, mas como um verbo que inspire prática e ação diária e consciente em nossas vidas. Quando praticamos o amor e adotamos a ética do amor, nos fortalecemos enquanto pessoas e aprendemos a viver em comunhão com os outros e com o mundo ao nosso redor. O medo segrega, mas o amor como prática política reúne.

A ética do amor é especialmente fundamental para a vida de pessoas negras, visto que nossos traumas geracionais da escravidão e do colonialismo que ainda se perpetua afeta diretamente nossa forma de nos amar e amar as pessoas de nossa comunidade. O amor precisa mediar nossas relações comunitárias e ampliá-las, para que possamos encontrar, em comunhão, a cura para a crise do amor que assola nossas vidas, reprodução de violência e repressão emocional.

Diante de tudo que foi argumentado, a proposta de intervenção para a “crise do amor” é a de que adotemos a ética de amor de bell hooks, não apenas como indivíduos, mas como coletivo. Que trabalhemos utilizando esses conceitos e reflexões para repensar nossa agência no mundo a partir de pensamento crítico e amor ao conhecimento. Precisamos desenvolver nossa própria consciência e fazer uma prática compartilhada e transversal de nossos valores. A partir do momento em que adotamos valores baseados em amor, temos ferramentas para cultivar nosso espírito, buscar uma vida e um mundo melhor para nós mesmos e para toda a nossa comunidade.

O chamado que bell hooks faz a uma compreensão coletiva e política do amor permanece. Os objetivos desse trabalho de explicitar definições, convidar à prática e pensar a prática do amor como cura (especialmente na vida de pessoas negras) foram cumpridos na medida do possível considerando os limites deste formato. Considera-se que o espaço para a ampliação da discussão foi aberto, e não esgotado; que os resultados foram satisfatórios. Espera-se, também, com profunda esperança, que possamos viver com o amor incorporado em nossas vidas mais e mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Mariléia de. *bell hooks*. Blogs de ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, V. 7, Nº 2, 2021, p. 21-33. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/bell-hooks/>. Acesso em: 24 jul. 2023.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. Martins Fontes, São Paulo, 2013.

HOOKS, bell. *Love as the practice of freedom*. In: *Outlaw Culture. Resisting Representations*. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 243-250. Tradução para uso didático por wanderson flor do nascimento. Disponível em: <https://doceru.com/doc/sxxen51>. Acesso em 24 jul. 2023.

HOOKS, bell. *Salvation: black people and love*. Harper Collins, Nova Iorque, 2001.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo, Elefante, 2021, pg 49.

HOOKS, bell. *Vivendo de amor*. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn, C. (orgs.). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro, Pallas – Criola, p. 188-198, 2000.

LORDE, Audre. *The transformation of silence into language and action*. In: *Sister Outsider: Essays and speeches by Audre Lorde*. Ten Speed Press, Nova Iorque, 1984.

da SILVA, Vinícius Rodrigues Costa; do NASCIMENTO, Wanderson Flor. Políticas do Amor e Sociedades do Amanhã. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*. Dossiê Interfaces da Filosofia Africana, v. 10, p. 168-182, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39954>. Acessado em: 23 jul. 2023.